

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O QUE QUERO VER

11 de Novembro de 2023

THE PURPLE ROSE OF CAIRO / 1985

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

um filme de WOODY ALLEN

Realização, Argumento: Woody Allen *Fotografia:* Gordon Willis *Som:* James Sabat *Montagem:* Susan E. Morse *Música original:* Dick Hyman *Cenários:* Carol Jeffe *Figurinos:* Jeffrey Kurland *Interpretação:* Mia Farrow (Cecilia), Jeff Daniels (Tom Baxter/Gil Shephard), Danny Aiello (Monk), Dianne Wiest (Emma), Van Johnson (Larry), Zoe Caldwell (a condessa), John Wood (Jason), Milo O'Shea (Padre Donnelly), Debora Rush (Rita), Irving Metzman (o gerente do cinema), John Rothman (o advogado de Hirsch), Stephanie Farrow (a irmã de Cecilia), Alexandre H. Cohen (Raoul Hirsch), Camille Saviola (Olga), Karen Akers (Kitty Haynes), Michael Tucker (a agente de Gil), Annie Joe Edwards (Dalila), Peter McRobbie (o comunista), Edward Herrmann (Henry), Eugene Anthony (Arturo), Ebb Kieserman, Juliana Donald, etc.

Produção: Orion (Estados Unidos, 1985) *Produtores:* Jack Rollins, Charles H. Joffe *Produtor Executivo:* Charles H. Joffe *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 82 minutos *Estreia Mundial:* 25 de Janeiro de 1985, em Los Angeles *Estreia em Portugal:* 12 de Setembro de 1985, nos cinemas Londres, Las Vegas e S. Jorge, a 12 de Setembro de 1985 *Primeira exibição na Cinemateca:* Novembro de 1986 ("70 Anos de Filmes Castelo Lopes").

E se fosse possível marcar encontros nas bobines de um filme, se as personagens que tremeluzem num ecrã de cinema aquecidas pelos feixes de luz que vêm de uma cabina de projecção decidissem tomar as rédeas da narrativa? Ou se se baralhassem? Se a seguir a um beijo apaixonado viesse sempre o desfecho de um fundido encadeado? Bem, as primeiras hipóteses não fazem hoje o mesmo sentido universal que faziam em 1985, quando Woody Allen realizou THE PURPLE ROSE OF CAIRO, porque na era digital o lado material do cinema tende a ser raridade, ou até bizzarria, e a própria noção de um filme feito de bobines de película não é entendida por todos da mesma maneira. E sem a luz de um projector mecânico, podendo tornar-se mais "limpo", o cinema também ficou mais "frio", menos físico. Não é a questão deste filme, que de resto já olha o cinema em retrospectiva quando, para contar a história da crença absoluta de uma espectadora, a situa nos anos 1930 da Grande Depressão americana. Mas da ingenuidade das premissas, retira Woody Allen o máximo partido vertendo-a para os diálogos, a grande sugestão do filme. "You make love without fading out?"

Sabe-se que THE PURPLE ROSE OF CAIRO é um dos mais conhecidos títulos de Woody Allen, a par dos anteriores ANNIE HALL e MANHATTAN (1977/79), ainda a sua filmografia não tinha chegado à vintena de títulos, indo a menos de metade dos realizados em 2023 – com COUP DE CHANCE / GOLPE DE SORTE em cartaz. Sabe-se que THE PURPLE ROSE OF CAIRO encontrou inspiração em *Seis Personagens à Procura de um Autor* de Pirandello (1921), na obra-prima de Buster Keaton, SHERLOCK JR. (1924, que os espectadores da sessão de hoje começam por ver) ou no mais discreto HELLZAPOPPIN (H.C. Potter, 1941). Mas também, notava Manuel Cintra Ferreira numa "folha" anteriormente distribuída, em THE SIXTEEN MILLIMETER SHRINE (Mitchell Leisen, 1959), o episódio da série "Twiligh Zone" protagonizado por Ida Lupino no papel de uma actriz de cinema que se alimenta da sua memória de estrela nos filmes que fez no passado para, nas suas projecções diárias, encontrar um casulo, como antes dela Gloria Swanson em SUNSET BOULEVARD (Billy Wilder, 1950). Sabe-se que o título vem do "filme no filme" de onde a personagem de Jeff Daniels sai como personagem de ficção para entrar no mundo real da ficção de Woody Allen. Voltar à ROSA PÚRPURA DO CAIRO é voltar a

seguir Mia Farrow e Jeff Daniels, sobretudo eles, neste Woody Allen sem Woody Allen, o que até aos anos 2000 era mais da exceção do que da regra nos filmes do realizador-actor que foi encontrando noutros rostos e noutros corpos outros reflexos de si mesmo. "I love you. I'm honest, dependable, courageous, romantic, and a great kisser." / "And I'm real."

Também faz sentido lembrar como Manuel Cintra Ferreira lembrou que, aqui, Woody Allen retrabalha o tema de um dos seus primeiros filmes: *PLAY IT AGAIN, SAM* (Herbert Ross, 1972) foi escrito e interpretado por Woody Allen a partir da sua própria peça homónima levada à cena na Broadway em 1969, e nele a história de Allen / Allan dialoga com a de Bogart / Rick em *CASABLANCA*, fazendo intervir Bogart (o Bogart de Jerry Lacy) como personagem que aconselha o crítico de cinema Allan sobre como lidar com as mulheres. "If that plane leaves the ground and you're not on it, you'll regret it; maybe not today, maybe not tomorrow, but soon, and for the rest of your life" – nesse filme, Allen / Allan repete a famosa réplica, "que esperou a vida toda para dizer", a Diane Keaton. Em *THE PURPLE ROSE OF CAIRO*, as falas não mimetizam diálogos célebres, não há citação. A protagonista, Mia Farrow, é uma mulher que vive na pele as agruras da Grande Depressão, encontrando um horizonte de evasão na sala escura do cinema. Não se pode ter tudo, diz ela, Cecilia, já depois de Jeff Daniels sair do ecrã para a plateia, qual Sherlock / Keaton. "I just met a wonderful new man. He's fictional but you can't have everything."

A realidade decepciona, aprende a Cecilia de Mia Farrow, que não vê Ozu no cinema local de New Jersey onde passa o tempo que pode, e onde acaba a olhar a graciosidade da dança de Fred Astaire e Ginger Rogers em *TOP HAT* (Mark Sandrich, 1935), depois de os protagonistas "reais" e imaginários da *ROSA PÚRPURA DO CAIRO* terem debandado para Hollywood. Pois é, só as entidades que não são de carne e osso não são magoadas nem sangram nem se despenteiam – mas também não provam champanhe, que no mundo do faz de conta do plateau da *ROSA PÚRPURA DO CAIRO* é *ginger ale*. Mas é já *TOP HAT* que embala a história no começo, quando a canção traz a voz de Fred Astaire das nuvens antes de aterrarmos nos olhos espantados de Cecilia, *Cheek to Cheek*, "Heaven, I'm in heaven / And my heart beats so that I can't hardly speak". Assim, *THE PURPLE ROSE OF CAIRO* joga o jogo dos reflexos e da cinefilia assentando-o no espanto dos olhos da protagonista, pelo lado do espectador do cinema disponível para malabarismos de argumentistas engenhosos – tomados por Deus pelas personagens de ficção deles –, mesmo quando as voltas lhes são incrivelmente trocadas. "I'm sorry. It's written into my character to do it, so I do it."

Maria João Madeira